



ITINERÁRIOS DE DOIS POETAS EM OURO PRETO: MANUEL BANDEIRA E CECÍLIA MEIRELES A ANTIGA VILA RICA NA REVISTA *TRAVEL IN BRAZIL*

ITINERARIES OF TWO POETS IN OURO PRETO: MANUEL BANDEIRA E CECÍLIA MEIRELES THE OLD VILA RICA IN TRAVEL IN BRAZIL MAGAZINE

Luís Antônio Contatori Romano¹

RESUMO

Este artigo tem como propósito estudar os textos de Manuel Bandeira e Cecília Meireles sobre Ouro Preto, publicados na *Travel in Brazil*, nos anos de 1940-41, revista editada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda do Governo Vargas e destinada a atrair o olhar do turista estrangeiro. Parte-se das acepções de viajantes definidas por Cristóvão (2002 e 2009) e do conceito de turismo literário, proposto por Hendrix (2014). As impressões que Bandeira e Meireles registram em seus textos serão cotejadas com as de outros viajantes que visitaram Ouro Preto, a partir do século XIX, e também com outros textos dos dois poetas brasileiros, por exemplo, o *Guia de Ouro Preto*, de Manuel Bandeira, publicado pela primeira vez em 1938.

Palavras-chave: Manuel Bandeira; Cecília Meireles; revista *Travel in Brazil*; Literatura de Viagens; Turismo Literário.

ABSTRACT

This article aims to study Manuel Bandeira and Cecília Meireles' texts about Ouro Preto, published in Travel in Brazil, in the 1940-41 years, magazine edited by the Press and Propaganda Department of Vargas Government and destined to attract the foreign tourist's view. It stems from the travelers meaning defined by Cristóvão (2002 and 2009) and the literary tourism concept, proposed by Hendrix (2014). The impressions that Bandeira and Meireles record in their texts will be compared with those from other travelers who visited Ouro Preto since the 19th century, as well as other texts by the two Brazilian poets, for example, the Guia de Ouro Preto, by Manuel Bandeira, published for the first time in 1938.

Keywords: Manuel Bandeira; Cecília Meireles; *Travel in Brazil* magazine; Travel Literature; Literary Tourism.

1. Literatura de Viagens e Turismo Literário

Para Fernando Cristóvão (2002), o interesse pela Literatura de Viagens tradicional resultava da longa distância percorrida, da novidade encontrada e do reduzido número de testemunhas sobre as terras e os povos observados. Esses fatores foram desativados em fins do século XIX. Na sociedade industrial, o mundo já estava todo mapeado: os novos meios de transporte e de comunicação passaram

¹ Professor de Estudos Literários no ILLA (Instituto de Linguística, Letras e Artes) da Unifesspa (Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará), Coordenador do POSLET (Programa de Pós-Graduação em Letras), Pesquisador Produtividade do CNPq (Nível 2). Líder do Grupo de Pesquisa "Literatura de Viagens", cadastrado no CNPq. E-mail: luisr@unifesspa.edu.br.

a facilitar a locomoção de pessoas e permitiram a difusão de informações e a possibilidade de confirmação de sua veracidade. Era a decadência do narrador tradicional, com a autoridade que Walter Benjamin (1987) lhe atribui, característico do mundo artesanal e comercial em que novidades trazidas de outras terras pela voz de um narrador sobrepunha-se à necessidade de comprovação.

Para Cristóvão (2009, p. 14), “desde que Jacques Daguerre inventou, em 1838, os primeiros daguerriótipos, as artes da fotografia impediram muitas línguas e penas de exagerar o que foi visto.” A reprodutibilidade técnica das imagens, as novas tecnologias de difusão de informações, com o jornal diário, o rádio e o cinema e meios de transporte, como o navio a vapor e o trem, vinculam-se a novas formas de viajar, de registrar e de difundir relatos, frequentemente na forma de crônica jornalística ou guia turístico.

Se os relatos dos viajantes tradicionais despertavam curiosidades, a viagem em geral não era uma motivação em si mesma, era meio para alcançar um objetivo, fosse ele mercantil, religioso, de expansão política, religiosa ou científica ou ainda visava-se à formação cultural ou o conhecimento da vida mundana em outras cortes europeias. Com o turismo, a viagem torna-se fim em si mesma. Convivendo com as práticas turísticas, Cristóvão (2009) propõe outras acepções para a Literatura de Viagens contemporânea: “viagens de conhecimento do país”, “de exploração colonial”, “viagens exóticas”, “de aventura”, “de grande reportagem jornalística”, “de repórter de guerra”, “viagens culturais”, “de reconstituição histórica”, “de turismo religioso”. E com essa nova Literatura de Viagens convive a novíssima, composta por textos breves, que dependem mais da tecnologia dos aparelhos de registro e de transmissão de informações em tempo real que dos meios de transporte.

Interessa-nos compreender também como o turismo pode se interseccionar com a Literatura. Casas de escritores, locais em que viveram ou que frequentaram, países por onde viajaram, além da própria construção de personagens, cenários e referenciais à vida social do tempo histórico elaborado literariamente podem oferecer representações ao leitor que acrescentem um valor turístico a determinados espaços, evocando o desejo de visitá-los. Essa dinâmica, motivada pela integração da literatura às práticas turísticas, é denominada de Turismo Literário, por Harald Hendrix (2014). Esse estudioso holandês ressalta que textos literários motivadores de atividades turísticas sempre existiram, embora nem sempre tenham sido explicitamente concebidos para obter esse efeito.

2. Ouro Preto, por Manuel Bandeira e Cecília Meireles

Vamos nos deter na representação de Ouro Preto pela escrita de dois poetas, Manuel Bandeira



e Cecília Meireles. Ambos criaram itinerários de visita às cidades históricas de Minas. Manuel Bandeira escreve: “Da Vila Rica de Albuquerque a Ouro Preto dos Estudantes” e “O Aleijadinho”, publicados em *Crônicas da Província do Brasil*, cuja primeira edição é de 1937. No ano seguinte, 1938, essas crônicas se amalgamam no *Guia de Ouro Preto*. O artigo “Ouro Preto, a Antiga Villa Rica”², adaptado do *Guia de Ouro Preto*, é publicado na *Travel in Brazil* (vol. 1, nº 4), revista dirigida por Cecília Meireles e editada, em inglês, pelo DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) do Governo Vargas. Essa revista durou de 1941 a 1942 e era voltada para o público norte-americano, tendo como objetivo atrair turistas para o Brasil, país que se oferecia como alternativa pacífica e em processo de modernização para uma Europa devastada pela II Guerra Mundial.

Em 1942, Cecília Meireles publica, na *Travel in Brazil* (vol. 2, nº 4), o artigo “Semana Santa em Ouro Preto”. Ouro Preto, como tema de crônicas dessa poeta, irá reaparecer em 1964, em dois textos na *Folha de S. Paulo*: “Semana Santa” e “Por Amor a Ouro Preto”, ambos reeditados na coletânea *Crônicas de Viagem 3*, em 1999. Ouro Preto é também o cenário da crônica “O Cavalo Odete”, publicada em *Inéditos*, de 1967, em que Cecília Meireles conta seus encontros fortuitos com um belo cavalo branco, em uma ambientação quase sobrenatural, e em uma das mais conhecidas de suas obras literárias, *Romanceiro da Inconfidência*, de 1953. O poeta Gonzaga é tema da crônica “A Casa e a Estrela”, publicada no *Diário de S. Paulo*, em 1953, e em *Crônicas de Viagem 2*, de 1999.

Devemos lembrar que se Manuel Bandeira, no *Guia de Ouro Preto* e na *Travel in Brazil*, e Cecília Meireles, nessa mesma revista, se ocupam em construir imagens com a intenção de atrair o olhar do turista, o registro de viajantes sobre Ouro Preto remonta ao período colonial. De acordo com o *Guia*, escrito por Bandeira, o primeiro registro pormenorizado sobre a antiga Vila Rica foi feito pelo jesuíta florentino Antonil, que lá esteve por volta de 1708, no auge do período da extração do ouro, quando Vila Rica era ainda um arraial, sem as construções de pedra que a imortalizaram. No século XIX, muitos outros viajantes passaram por Vila Rica, entre eles o inglês Richard Francis Burton.

No período moderno, a viagem emblemática para Ouro Preto foi realizada em 1924 pelo poeta suíço-francês Blaise Cendrars, acompanhado por Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, entre outros. Fascinaram-se com a arquitetura barroca e com as obras de Aleijadinho. Na

² A tradução da revista *Travel in Brazil*, do inglês para o português, foi realizada por equipe composta por Luís Antônio Contatori Romano, Camila Solino Rodrigues, Isamara Rocha Jucá e Bianca de Paula Santis Costa.

Europa, Cendrars chega a mencionar o projeto de um livro que escreveria sobre o artista mineiro³. A viagem de Cendrars e dos modernistas, que Mário nomeou de “viagem de redescoberta”, atraiu a atenção das autoridades para Ouro Preto e para as cidades históricas vizinhas, instituindo-as como lugares a serem preservados e conhecidos. O *Guia de Ouro Preto*, que abrange também Mariana, Congonhas do Campo, Sabará e São João d’El-Rei, escrito por Manuel Bandeira, sob encomenda do atual IPHAN, materializou o itinerário feito pelos poetas, inserindo-o no turismo do patrimônio cultural e literário.

Vamos nos centrar em basicamente três aspectos dos registros de Manuel Bandeira e de Cecília Meireles sobre Ouro Preto. Em primeiro lugar, nas impressões gerais da cidade e no seu histórico, comparando entre si as três versões em que o poeta as registra, assim como nas impressões de Cecília Meireles, no artigo “Semana Santa em Ouro Preto”, publicado em 1942, na *Travel in Brazil*. Pretendemos também comparar a linguagem de apelo turístico e de divulgação do Governo Vargas presentes nos textos “Ouro Preto, a Antiga Villa Rica”, de Bandeira, e “Semana Santa em Ouro Preto”, de Cecília, com o tom mais livremente opinativo que Bandeira manifesta em “De Vila Rica de Albuquerque a Ouro Preto dos Estudantes” (1937) e no *Guia de Ouro Preto* (1938).

Em seguida, vamos abordar, a partir dos textos de Bandeira, as versões em torno da vida de uma das personagens emblemáticas de Ouro Preto e da Literatura de Língua Portuguesa, a Marília de Dirceu, recriação romântica que amalgama a musa Marília, das *Liras* de Tomás Antônio Gonzaga, à personagem histórica de Maria Doroteia Joaquina de Seixas. Para isso será fundamental a mediação das reflexões apresentadas por Ana Cristina Magalhães Jardim (2014) e a interlocução com outros autores que tratam de Marília de Dirceu, tais como Richard Burton, Olavo Bilac, Thomas Brandão e a própria Cecília Meireles.

Por fim, nos deteremos em diferenças na representação que Cecília Meireles faz da Semana Santa em Ouro Preto no texto publicado na revista *Travel in Brazil*, de 1942, em que apresenta um minucioso itinerário de eventos durante os sete dias da Semana Santa, em relação ao tom

³ Em 1926, já em Paris, Cendrars “anuncia uma outra obra ‘exótica’. *Aleijadinho ou L’Histoire d’un Sanctuaire Brésilien*. O título faz pensar num ensaio consagrado ao grande arquiteto, decorador e escultor do Rococó mineiro, mas o projeto é curiosamente indicado como romance.” (EULALIO, 2001, p. 43)

Alexandre Eulalio (2001, p. 76) acrescenta, em nota, que em carta endereçada a Carlos Drummond de Andrade, de 24 de agosto de 1930, agradecendo-lhe pela remessa de um exemplar de *Alguma Poesia*, Cendrars pede ao poeta mineiro em *post-scriptum*: “Dentro de pouco o meu livro sobre o Aleijadinho estará terminado, mas continuo com as mesmas fotografias ruins. Será mesmo de todo impossível conseguir boas reproduções?” Eulálio, na mesma nota, acrescenta: “Se tal afirmação procede, e não é apenas mais um *phantasma* da poderosa faculdade imaginativa de Cendrars, um dia será possível encontrar-se o original desse livro, de grande importância para a obra do escritor e para a crítica relativa ao Aleijadinho.”

memorialístico, melancólico e sutilmente irônico que se revela na crônica “Semana Santa”, publicada na *Folha de S. Paulo*, em 1964.

3. Impressões de Ouro Preto por Manuel Bandeira e Cecília Meireles em diálogos com olhares estrangeiros

Em “De Vila Rica de Albuquerque a Ouro Preto dos Estudantes”, que compõe *Crônicas da Província do Brasil* (2006 [1937]), assim Manuel Bandeira (2006, p. 13) introduz a cidade mineira, parágrafo idêntico encontramos no *Guia de Ouro Preto*:

Não se pode dizer de Ouro Preto que seja uma cidade morta. Morta é São José d’El-Rei. Ouro Preto é a cidade que não mudou, e nisto reside o seu incomparável encanto. Passada a época ardente da mineração (em que foi de resto um arraial de aventureiros, a sua idade mais bela como fenômeno de vida), e a salvo do progresso demudador pelas condições ingratas da situação topográfica, Ouro Preto conservou-se tal qual, em virtude mesmo da sua pobreza, aquela pobreza que já por volta de 1809, segundo depoimento de Mawe, fazia, por escárnio, trocarem-lhe em Vila Pobre o nome de sua fundação em 1711, que era o de Vila Rica de Albuquerque. (BANDEIRA, 2015, p. 43 [1938])

E assim Manuel Bandeira inicia o artigo “Ouro Preto, a Antiga Villa Rica”, publicado na *Travel in Brazil* (vol. 1, nº 4, 1941), e que é uma adaptação dos textos anteriores:

Ouro Preto, anteriormente chamada de Villa Rica, é uma cidade que, por quase um século após sua fundação não mudou, e assim tem sido capaz de preservar todo encantamento de sua antiga arquitetura. Depois de uma época ardente de explorações aventureiras (1698-1720) ter passado, a cidade, que naquele tempo era apenas uma coleção de ruínas e barracos erguidos pelos garimpeiros rudes, construiu os primeiros prédios de pedra e durante a segunda metade do século adquiriu o aspecto arquitetônico que se apresenta hoje em dia, por conta da pobreza resultante da decadência da produção de ouro de aluvião. (BANDEIRA, 1941, [n.p.])

Parece evidente a mudança de tom do primeiro para o segundo texto, destinado a atrair o interesse do potencial turista estrangeiro. Os textos de 1937 e de 1938 já se iniciam com a preocupação de modalizar uma adjetivação corrente, de valor negativo sobre Ouro Preto: “*não se pode dizer que seja uma cidade morta*”, e, para reforçar a ideia de que a estagnação da cidade (“não mudou”) realça sua beleza (“incomparável encanto”), emprega uma comparação com Tiradentes (“Morta é São José d’El-Rei”), a pequena cidade vizinha de São João d’El-Rei, essa sim seria uma cidade morta! No texto de 1941, destinado ao olhar estrangeiro, Bandeira inicia evocando não a estagnação e pobreza da cidade, mas a sua grandeza passada, já presente em seu antigo nome: Villa Rica, incluído no título do texto. Prossegue Bandeira em seu entusiasmo: a estagnação permitiu que Ouro Preto preservasse o “encantamento da arquitetura antiga”, que remete a uma “época de ardentes

explorações aventurosas”. Linguagem que, de comedida sobre o estado da cidade, passa a ser carregada de termos que evocam impressões sedutoras para o turista: “encantamento”, “ardentes”, “explorações aventurosas”.

Em ambos os textos, Bandeira explica que a decadência da mineração foi a responsável pela cidade manter seu atual aspecto. As poucas construções novas que há contrastam com a beleza da arquitetura antiga. Porém, no texto destinado ao olhar turístico, Bandeira exclui a referência ao escárnio de Mawe, viajante inglês que esteve em Ouro Preto no século XIX, relativo à troca do nome para Vila Pobre, refletindo a realidade da cidade decadente.

Na crônica “Semana Santa em Ouro Preto” (*Travel in Brazil*, vol. 2, nº 4, 1942), Cecília Meireles, como Manuel Bandeira no artigo para a mesma revista, remete-se à origem da cidade nos esplendores da mineração:

Ouro Preto, cujo nome de hoje resulta e conserva tradições de riqueza e pompa, é a antiga “Vila Rica”, Capital do Estado de Minas Gerais, cujo nome também recorda os esplendores da mineração, que ocorreram durante o século 18; mas, da suntuosa pompa de dias passados, a cidade não tem mais nada, exceto a sua fisionomia arquitetônica, um punhado de poesias e lendas trágicas. (MEIRELES, 1942, [n.p.]

Cecília Meireles também põe em evidência o antigo nome da cidade, Vila Rica, e o fato de conservar tradições de sua riqueza passada. Emprega expressões como: “esplendores da mineração”, “suntuosa pompa”, “punhado de poesias e lendas trágicas”. Todas de apelo a aspectos singulares e pitorescos, que poderiam atrair a atenção de um turista que valoriza o patrimônio histórico e cultural dos lugares por onde transita.

Bandeira cita, em francês, versos do poeta parnasiano do século XIX, Sully Prudhomme, tanto no texto de *Crônicas da Província do Brasil*, de 1937, quanto no da *Travel in Brazil*, de 1941; no *Guia de Ouro Preto* aparecem apenas os dois primeiros versos:

Je n’aime pas les maisons neuves,
Leur visage est indifférent.
Les anciennes ont l’air de veuves
Qui se souviennent en pleurant.
(BANDEIRA, 2015, p. 44)

Versos que reforçam a lírica melancolia da cidade. Na aproximação, por via rodoviária, de Ouro Preto, Cecília Meireles nota os campos verdejantes, a presença esporádica de garimpeiros que ainda peneiram as águas dos rios. Ao adentrar a cidade, observa as pedras brilhantes do calçamento, cujo desgaste põe à mostra o minério de ferro. Associa a antiga Vila Rica a dois fatos: o martírio de Tiradentes e o amor do poeta Gonzaga. Na sequência evoca a imagem da cidade, paralisada no tempo,



que se assemelha à sugestão provocada por Bandeira ao citar os versos de Sully Prudhomme:

Ouro Preto! Isso é Ouro Preto. Um ar de tristeza, de uma era sonhadora, quando o luar banha os topos das colinas com Igrejas de torres gêmeas, cobre as antigas casas em ruínas e desce com os rios de águas tranquilas, que fluem lentamente sob as pontes de pedra com suas cruzes para proteger o viajante. (MEIRELES, 1942, [n.p])

Após citar Prudhomme, Bandeira comenta o aspecto então atual da cidade. Observemos as diferenças entre os textos de *Crônicas da Província do Brasil*, que é o mesmo do *Guia de Ouro Preto*, e o que é publicado na revista *Travel in Brazil*:

Há em algumas dessas casas novas a intenção de retomarem o estilo das velhas. Mas falta a essa arquitetura de arremedo o principal em tudo, que é o caráter. Essa maneira arrebiteada e enfeitadinha que batizaram de estilo neocolonial, tomou à velha construção portuguesa uma meia dúzia de detalhes de ornato, desprezando por completo a lição de força, de tranquila dignidade que é a característica do colonial legítimo. [...] Saint-Hilaire quando viu o Palácio dos Governadores achou até que não era palácio nem nada. “Esse pretensão palácio”, disse ele, “apresenta uma massa de edificações pesadíssimas demais e de mau gosto.” Pode ser que eu esteja errado, mas o mau gosto me parece que é do francês. O caráter do palácio convinha muito bem a uma construção destinada a servir de residência fortificada e daí o seu aspecto de castelo-forte. (BANDEIRA, 2006, p. 14)

Na *Travel in Brazil* (vol. 1, nº 4, 1941), Bandeira faz referência à transformação de Ouro Preto em monumento nacional, mas observemos também a comparação de sentido metafórico, por nós grafada em negrito:

As novas casas depreciam a beleza geral da cidade, mas elas não são numerosas o suficiente para destruir a admirável unidade arquitetônica de Ouro Preto. É possível dizer que a antiga capital de Minas Gerais é talvez a única cidade destinada a manter-se como uma **reliquia do nosso passado gravado nas pedras**. O governo do Dr. Getúlio Vargas decretou a consagração da cidade como Monumento Nacional; colocando-a sob a vigilância do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, onde estará salva de demolições e restaurações desfigurantes. (BANDEIRA, 1941, [n. p.])

Como Bandeira, também Cecília ressalta o tombamento da cidade, durante o Governo Vargas:

Para preservar esse conjunto arquitetônico harmônico, que reproduziu, em meio ao cenário de altas montanhas escuras, uma montanhosa Vila Portuguesa, com telhados graciosos e elegantes janelas - Ouro Preto foi convertida pelo Governo em uma Cidade Museu, um monumento nacional, proibindo quaisquer novas construções ou demolições que possam desfigurar sua beleza e valor histórico. (MEIRELES, 1942, [n.p.])

Cecília Meireles afirma que, embora essa medida pudesse tornar a cidade inacessível a turistas devido à ausência de locais apropriados para hospedagem, o governo Vargas construía ali um hotel. Em acréscimo posterior à primeira edição do *Guia de Ouro Preto*, Manuel Bandeira faz uma referência ao Grande Hotel de Ouro Preto:

Em nosso terceiro passeio subamos pela ladeira que começa entre a Casa dos Contos e o chafariz: é a rua Senador Rocha Lagoa, antiga das Flores. Nos socalcos da esquerda, acha-se o Grande Hotel, construído de 1940 a 1944. Coube à Diretoria do Patrimônio Histórico e



Artístico Nacional resolver o difícil problema de dotar a cidade com uma casa onde viajantes e turistas encontrassem agasalho e conforto e que não atentasse contra a fisionomia tradicional de Ouro Preto. A solução, realmente feliz, foi achada no projeto de Oscar Niemeyer, que levou em conta umas tantas características comuns à técnica do concreto armado e à do pau a pique. Seja dito que o arquiteto não quis, absolutamente, imitar a aparência das edificações antigas, sabendo o que há de artificioso e de falso nessa imitação, e temendo, muito acertadamente, que viesse a passar como antigo o que é, afinal, do nosso tempo. Procurou antes fazer com que o hotel, necessariamente moderno, se destacasse o menos possível na paisagem colonial. (BANDEIRA, 2015, p. 68)

Se nas *Crônicas* e no *Guia*, a descrição de Bandeira sobre a arquitetura de Ouro Preto tende a ser mais crítica, no texto da *Travel in Brazil* sobressai a metáfora poética justaposta à intenção propagandística. Chama a atenção, em trecho transcrito acima da *Travel in Brazil*, a metáfora da “reliquia do nosso passado gravado na pedra”: as construções antigas prolongam a presença do passado até nossos dias, preservando na matéria dura sua beleza arquitetônica, o que remete à ideia da perenidade da arte. Essa metáfora da pedra como elemento que simboliza a permanência aproxima Bandeira de Cecília Meireles. Mas se Bandeira apela para uma linguagem literária para atrair o olhar do turista, por outro lado faz também apelo político: graças ao ditador Vargas, a beleza da cidade, gravada na pedra, está preservada de “demolições e restaurações desfigurantes”.

Nos textos escritos para um público nacional, supostamente de certa erudição, Bandeira não procura esconder as construções novas, mas ressalta o mau gosto delas, contrapondo-as com a força da arquitetura colonial, e para isso recorre novamente à comparação e às observações de um famoso viajante francês. Trazer o testemunho de Saint-Hilaire para o texto da *Travel in Brazil* seria realçar o contraste do antigo com as construções novas, minimizar o cenário pitoresco e, talvez, desinteressar o turista, por isso, nesse texto, Bandeira evita polemizar com o olhar do estrangeiro.⁴

4. Marília de Dirceu

No artigo “Ouro Preto, a Antiga Villa Rica”, da *Travel in Brazil*, Bandeira faz uma referência aos poetas da chamada Escola de Minas; faz outra à antiga cadeia, onde Cláudio Manuel da Costa teria se suicidado, nenhuma alusão a Gonzaga e a Marília de Dirceu. Talvez ciente da pouca

⁴ Auguste de Saint-Hilaire que viajou pelo Brasil entre 1816 e 1822, registra: “A pouca distância de Vila Rica avista-se uma pequena parte dessa cidade. As casas que ficam entre o caminho, na maioria assobradadas e recentemente caídas, dão a mais agradável impressão da capital da província: mas logo se é desiludido, quando, chegando à cidade pela rua das Cabeças vêem-se casas mal cuidadas cujas portas e janelas são pintadas de vermelho e com telhados que se prolongam desmedidamente além das paredes. A rua das Cabeças é em grande parte habitada por ferradores e por comerciantes de comestíveis, o que não é de se admirar porquanto grande número de caravanas entram na cidade por essa rua.” (*Viagens pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941, pp. 152-153.)



repercussão, fora do universo da Língua Portuguesa, das *Liras* de Gonzaga ou, ainda, por considerar mera fantasia romântica a idealização dos amores platônicos entre Dirceu e Marília.

Em *Crônicas da Província do Brasil*, de 1937, Bandeira relativiza a grandeza literária e lendária dos amores de Gonzaga e Maria Doroteia, cujas ressonâncias aparecem na obra de poetas posteriores, especialmente entre românticos:

Os poetas fazem esforços desesperados para manter em alguma consistência a lenda dos amores do dr. Gonzaga. Mas parece que não bastam para isso os versinhos e bordados do desembargador. A lenda cada vez mais se esboroa, tal como as paredes da casa de Marília. Os amores de Dirceu e Marília foram afinal um namorico meio sem graça que não dá para ambientar passionadamente a cidade de Albuquerque. Lá pensei muito mais na sombria história do coronel Antônio de Oliveira Leitão, que apunhalou a filha na véspera do Natal de 1720. As duas grandes sombras de Ouro Preto, aquelas em que pensamos invencivelmente a cada volta de rua, são o Tiradentes e o Aleijadinho, justamente os que em vida se nomearam por alcunha ou dolorosa ou ridícula. (BANDEIRA, 2006, p. 23)

Em *Crônicas da Província do Brasil*, Bandeira se limita a reproduzir informações de Burton a respeito do destino de Maria Doroteia, noiva de Gonzaga, e a cuja imagem se amalgama a da musa poética: “A respeito de Marília consigna que se casou e foi mãe de três filhos, um dos quais era o dr. Anacleto Teixeira de Queiroga. ‘Talvez agora seja ela mais conhecida como a mãe do dr. Queiroga.’” (BANDEIRA, 2006, p. 31)

Se nas *Crônicas*, Bandeira parece aderir, eufemisticamente, à versão de Burton, no *Guia de Ouro Preto*, do ano seguinte, ele procura retificá-la:

A respeito de Marília consigna que se casou e foi mãe de três filhos, um dos quais era o dr. Anacleto Teixeira de Queiroga. ‘Talvez agora seja ela mais conhecida como a mãe do dr. Queiroga.’ A informação do inglês [Burton] aqui é errada, e parece que no seu erro se fundaram outros escritores que têm tratado da noiva de Tomás Antônio Gonzaga, entre estes Olavo Bilac no seu livro *Crítica e fantasia*. Tomás Brandão restabeleceu a verdade em sua obra *Marília de Dirceu*, provando ter havido confusão de Marília com sua irmã Emerenciana. (BANDEIRA, 2015, p. 38)

Assim Burton descreve a casa onde nasceu Maria Doroteia e viveu até a morte: “No fundo da depressão ao pé da montanha, e tendo atrás árvores frondosas, há um prédio sem beleza, comprido, baixo, coberto de telha e caiado de branco, muito parecido com uma confortável casa de fazenda.” (Burton. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*, 2001, p. 432). Em seguida, o viajante inglês conta, com verve, o destino de Marília, baseando-se em Lopes de Mendonça, em *Memórias da Literatura Portuguesa*, de 1859, e em narrativas orais populares, que ouvia em Minas Gerais:

Um certo Dr. Queiroga, Ouvidor de Ouro Preto, teve a honra de suplantar o poeta Gonzaga, mas não com ternura legalizada. Dele, D. Maria Dirceu, como era chamada, teve três filhos: Dr. (M. A.) Anacleto Teixeira de Queiroga; D. Maria Joaquina e D. Dorotéia, todos de olhos



azuis e cabelos louros. Em Ouro Preto ela é hoje, talvez, mais conhecida como a mãe do Dr. Queiroga. Nos últimos anos, viveu reclusa, só saindo de casa para ir à igreja, e morreu (1853), com a idade de oitenta anos. Em seu leito de morte, disse ao confessor: “Ele foi separado de mim quando eu tinha 17 anos.” Os que a conheceram bem descrevem-na como sendo de baixa estatura e conservando, apesar da idade, feições delicadas e “uma boca risonha e breve”, e dizem que seus olhos eram azuis e que os cabelos, tornados brancos, tinham sido meio-louros. Seu amante, curioso é dizer, fez suas madeixas quatro vezes “tingidas do azeviche da noite” e em quatro outras “cachos de ouro”, e o autor da edição favorita das *Liras* o defende, como só os amigos podem defender. (BURTON, 2001, p. 432-433)

Manuel Bandeira, no *Guia de Ouro Preto*, faz também referência a uma versão contada por Olavo Bilac sobre o destino e os amores de Marília, cuja inverdade teria sido revelada por Thomas Brandão. Na crônica “Marília”, de *Crônicas e Novelas*, obra publicada em 1893, Bilac conta uma viagem que fez a Ouro Preto. Adentrando as ruas do bairro de Antônio Dias, vê, pela primeira vez, a casa em que morou Marília de Dirceu, idealiza-a “como um palácio”, o que contrasta com a descrição de um prédio sem beleza, confortável casa de fazenda, que dela faz Burton. Assim Bilac descreve a casa de Marília:

Casa nobre, que emerge de entre as vizinhas quase como um palácio, hoje toda azul, olhando para o bairro de Ouro Preto por oito janelas, - foi nela que D. Doroteia de Seixas apareceu pela primeira vez ao poeta, e nela que a Musa, enquanto o seu cantor no degredo bárbaro enlouquecia e morria, viveu, monotonamente, até os oitenta e quatro anos. (BILAC, 2014, p. 7)

A visão da casa de D. Doroteia, idealizada por Bilac, como “casa nobre”, é também o mote para o poeta retomar a versão dos destinos de Gonzaga e de sua musa contada por Lopes de Mendonça. Bilac alivia Marília das censuras do crítico português, que a acusa de não haver acompanhado o noivo no exílio em Moçambique, como tampouco se suicidara ou enlouquecera de amor... O que devia ser mais digno de uma musa romântica, do que a solidão, a contrição religiosa e os possíveis amores naturais de D. Doroteia. Prossegue Bilac:

Um certo mistério cerca ainda hoje a história desses amores. O que parece provado é que eles não foram uma dessas paixões que alucinam quando se não satisfazem, e em que a alma entra de parceria com a carne, ambas ansiosas, ambas exigentes, ambas humanamente excitadas. (BILAC, 2014, p. 8)

Bilac trata do casamento de Gonzaga em Moçambique, em 1793, com Juliana de Souza Mascarenhas, um ano após seu exílio. Considera que D. Doroteia talvez não o tenha sabido, e acrescenta sobre ela: “teve descendência farta, envelheceu, e, em 1853, fechou os olhos à vida”. (Bilac, 2014, p. 11) Mas Bilac não dá outra evidência dos amores e descendências naturais de Maria Doroteia que o testamento deixado por ela, nomeando Anacleto Teixeira de Queiroga, residente no Rio de Janeiro, como um de seus herdeiros.



Cecília Meireles, na crônica “A Casa e a Estrela”, publicada no *Diário de Notícias*, de São Paulo, em 1953, e em *Crônicas de Viagem 2* (1999), faz apenas uma referência explícita à musa de Gonzaga, cuja casa e vestígios de infância motiva a viagem da cronista de Lisboa ao Porto. Diz Meireles (1999a, p. 182): “Não; Marília não lhe cerrará os olhos, mas ficará imortalizada pela sua lira. Seu privilégio será esse.” A poeta substitui a mulher, Doroteia, pela musa lírica, Marília. É a musa que se imortaliza nas *Liras* e seria dela que se esperaria que acompanhasse o poeta no degredo até a morte dele? Cecília Meireles provoca um distanciamento entre musa e noiva real, sutilmente dialogando com a polêmica em que Lopes de Mendonça e, indiretamente, Bilac e Bandeira censuram a mulher Doroteia por não corresponder ao papel que lhe cabia como Marília, musa do eu-lírico de Gonzaga, o Dirceu das *Liras*, e dos românticos e pós-românticos que amalgamaram pessoa real e musa literária.

No *Romanceiro da Inconfidência*, Cecília Meireles retoma a lenda dos amores platônicos, e eternos para a poesia, de Gonzaga e Maria Doroteia. No poema “Retrato de Marília em Antônio Dias”, apresenta a musa envelhecida, entretida ao mesmo tempo em orações e lembranças na igreja Matriz de Antônio Dias. A imagem poética construída por Cecília aproxima-se daquela descrita por Burton sobre a velhice reclusa de Maria Doroteia, como também da descrição que dela faz, envelhecida, Olavo Bilac. No entanto, a reiterada lembrança de Gonzaga por uma Marília contrita e religiosa parece dar complexidade psicológica à personagem, como se a oração fosse uma tentativa de conter a lembrança, que permanece incontrolável até a morte, sugerida pelas rimas *pensamento/memento/pavimento*. Assim, Cecília alcança, sutilmente, sublimar Marília em relação aos dois estereótipos que a crítica e a poesia de tradição romântica dela fizeram: a musa eterna e casta e aquela que, fria, nega-se a acompanhar o amado por terras bárbaras e refaz sua vida amorosa:

Corpo quase sem pensamento,
amortalhado em seda escura,
com lábios de cinza murmura
“memento, memento, memento...”

Ajoelhada no pavimento
Que vai ser sua sepultura.
(MEIRELES, 1989, p. 264.)

Em tempos recentes, a pesquisadora Ana Cristina Magalhães Jardim (2014) reacende as incertezas sobre os limites entre a realidade e a lenda dos amores de Maria Doroteia-Marília e de Gonzaga-Dirceu. Ana Jardim procurou distinguir o mito literário de Marília da pessoa de Maria Doroteia. Lembremos que Manuel Bandeira reproduz, eufemisticamente, a versão de Burton em



Crônicas da Província do Brasil, modificando-a no ano seguinte para o *Guia de Ouro Preto*, obra de encomenda para um órgão público do Governo Vargas, sendo a nova versão baseada na biografia *Marília de Dirceu*, de Thomas Brandão, publicada em 1932. De acordo com Ana Jardim, Brandão era descendente da família de Maria Doroteia. A pesquisadora, a despeito das polêmicas sobre o destino de Maria Doroteia, descrita por ela como mulher inteligente, irônica e resoluta, considera que o Governo Vargas contribuiu para criar o mito romântico do casal Maria Doroteia e Gonzaga, ao transferir, em 1955, os restos mortais de Maria Doroteia da Matriz de Nossa Senhora da Conceição para o Museu da Inconfidência, deixando-os ao lado dos de Gonzaga, repatriados também por Vargas em 1944.

A obra *Liras de Marília de Dirceu*, de Thomas Antônio Gonzaga, foi publicada ainda em 1792, após a devassa dos autos da Inconfidência, mesmo ano da partida de Gonzaga para o exílio, em Moçambique. Houve inúmeras edições em Portugal e foi um dos primeiros livros editados no Brasil após a chegada da Corte Portuguesa em 1808. De acordo com relato de Beatriz Brandão, prima em primeiro grau de Maria Doroteia, muitas pessoas iam a Ouro Preto para ver a Marília de Dirceu, mas Doroteia, mulher já idosa, fechava-se em casa (JARDIM, 2014, p. 123). Para Jardim (2014), não há documentos que comprovem que Maria Doroteia tomou conhecimento das inúmeras publicações das *Liras de Marília de Dirceu* e do sucesso da obra.

Jardim (2014) dialoga com a versão de Burton que afirma que Maria Doroteia teria sido mãe solteira, pessoa desonrada numa comunidade de brancos - ou assim considerados - de classe social elevada de Ouro Preto. Afirma que ela fazia parte de uma das mais prestigiadas Irmandades da cidade, a Ordem Terceira de São Francisco de Assis, estando submetida a rígidas regras morais e religiosas, embora essas mesmas regras pudessem ter certa maleabilidade de acordo com as posses e o poder dos membros e de suas famílias. Em seu testamento, Doroteia pediu que seu sepultamento fosse no cemitério da Igreja de São Francisco, mas ocorreu no jazigo da família na Igreja Matriz de Antônio Dias. Dada a interdição de sepultamentos dentro de igrejas na Comarca de Ouro Preto desde 1828, Ana Jardim considera que pode ter sido honrosa a permissão para o sepultamento de Maria Doroteia, em 1853, na Matriz de Antônio Dias.

A autora considera que muitas lacunas permanecem a respeito da vida de Maria Doroteia. Pensamos que tais lacunas fazem aumentar o interesse por sua figura lendária, podendo torná-la também objeto do olhar turístico, embora sem o apelo romântico de Romeu e Julieta em Verona. Era musa neoclássica, sem arroubos de paixão, sem suicídios, sem enlouquecimentos, sem castidade para preservar-se para amores no Além.

5. A Semana Santa de Ouro Preto

Tema particularmente caro a Cecília Meireles é o da Semana Santa em Ouro Preto, que no artigo para a revista *Travel in Brazil* (vol. 2, nº 4, 1942), a poeta introduz por comparação à de Oberammergau e à de Sevilha, ambas de apelo turístico. Ressalta que a de Ouro Preto resta ainda a ser descoberta pelos turistas: “essa cidade religiosa, fechada em sua reticência grave, não foi até agora devorada pelos olhos curiosos, que, procurando sensações, viajam por todas as terras e os mares do mundo”.

Cecília descreve dia a dia, as atividades religiosas durante a Semana Santa. Chegando à cidade no Domingo de Ramos, ela se situa na Praça Tiradentes, de onde se avista a Igreja de Nossa Senhora das Mercês, ponto de partida da primeira procissão:

A Praça Tiradentes, cujo nome relembra o mártir da Inconfidência, perpetuado agora por um monumento central, está situada em uma pequena colina, e tem a forma retangular. Nas duas extremidades dessa Praça, os dois edifícios mais notáveis da cidade estão localizados, eles são a Escola de Minas, para engenheiros, que confere à Ouro Preto algo do caráter de uma Cidade Universitária, e a antiga Penitenciária, hoje transformada no Museu da Inconfidência. Cada um desses edifícios ocupa a totalidade das duas extremidades da Praça. As duas laterais do lugar são ocupadas por residências, todas graciosas, em sua antiguidade, com varandas, janelas coloniais e preciosos detalhes arquitetônicos, das portas aos telhados. O monumento Central marca o local onde a cabeça de Tiradentes foi exposta ao público, depois de ter sido cortada e salgada. Por trás e para o lado da Escola de Minas, aparecem as torres da Igreja das Mercês, de onde, esta tarde, a Virgem Maria sairá para encontrar seu filho abençoado. (MEIRELES, 1942, [n.p.])

A praça Tiradentes é o local onde se encontram as famílias para a procissão, com suas crianças vestidas de anjos, representação, talvez, das crianças mortas ainda em tenra idade que, na mentalidade popular, tornavam-se anjos chamados por Deus. Traço da cultura popular que, segundo Gilberto Freyre (2015) remete à sociedade patriarcal brasileira, de elevados índices de mortalidade infantil⁵:

Famílias inteiras, de avós a netos, arrastando crianças vestidas como anjos: azuis, brancos e rosa, com asas de penas brancas reais, ou de ganso e arminho, salpicadas com lantejoulas. Anjos bebês, nos braços, anjos de um ano, dois anos, ainda vacilantes em suas pernas, anjos roucos de 5 e 6 anos, anjos com caras limpas e rostos sujos, arianos e não arianos, de ambos os sexos, anjos sonolentos, e anjos gripados. Oh Deus! Tem de ir a Ouro Preto para ver o mundo ser tomado por anjos, anjos com sandálias brancas e diademas dourados, como pequenas figuras que escaparam dos "Espirituais" americanos. (MEIRELES, 1942, [n.p.])

⁵ Em *Casa-Grande & Senzala*, diz Gilberto Freyre (2015, p. 450): “A verdade é que perder um filho pequeno nunca foi para a família patriarcal a mesma dor profunda que para uma família de hoje. Viria outro. O anjo ia para o céu. Para junto de Nosso Senhor, insaciável em cercar-se de anjos.”

Se no texto de 1942, há uma descrição amena, e lírica, das manifestações populares durante a Semana Santa em Ouro Preto, parece ser outro o tom na crônica “Semana Santa”, publicada na *Folha de S. Paulo*, de 31 de março de 1964, e em *Crônicas de Viagem 3*, de 1999. Assim a poeta recorda:

Penso agora numa Semana Santa de Ouro Preto, recorro a melancolia das igrejas, na cidade contrita. Posso ver a multidão comprimir-se para assistir à Procissão do Encontro: no alto dos andores, o rosto da Virgem é uma pálida flor, e a cabeça de Cristo, inclinada, balança os cachos do cabelo ao sabor da marcha, com um ar dolente de quem vai por um caminho inevitável. O pregador começa a falar, explicando aquela passagem do Evangelho, exorta os fiéis à contemplação daquela cena, cuja significação mais profunda procura traduzir. Mas o povo já está todo comovido: as velhinhas choram, as crianças fazem um beicinho medroso e triste e as moças ficam pensativas, porque – embora em plano divino – os fatos se reduzem à desgraça cotidiana, que elas conhecem bem, de um filho que vai morrer, e cuja mãe não o pode salvar, e que ali se despedem, uma com o peito atravessado de punhais, outro com a sua própria cruz às costas. O povo é bom, o povo quereria que todas as mães e todos os filhos fossem felizes, e se pudessem socorrer, e não morressem nunca, e principalmente não morressem dessa maneira, pregados a cruces transportadas nos próprios ombros. (MEIRELES, 1999b, p. 275)

A expressão “o povo é bom...” se repete durante toda a crônica. Revela a identificação com o sofrimento de Cristo, mas as pessoas se resignam por também sofrer, pois seus sofrimentos seriam infinitamente menores que o do Salvador, o que é enfatizado na oração do padre, na ladainha durante a procissão: “Conheceis uma dor igual à minha?” (1999b, 276).⁶ Ressonância medieval na Semana Santa de Ouro Preto. Nessas imagens pesadas, feias, que hiperbolizam o sofrimento da Sagrada Família, o povo se reconhece em experiência catártica; seu sofrimento, em grau menor, é projetado no sofrimento de Cristo. Assim termina Cecília Meireles o registro de suas memórias da Semana Santa de Ouro Preto, agora sem a incumbência de escrever para alegres turistas, empregando a sutil ironia que lhe era característica:

O povo bom sofre uma vez por ano, intensamente, seu compromisso de ser bom, de ser melhor, cada dia mais, para sempre. O destino do homem é ser bom. Sua felicidade está em consegui-lo, mesmo – ou principalmente – sofrendo. (MEIRELES, 1999b, p. 277)

Como não ver nesse texto de Cecília Meireles correspondência com o catártico ritual dos seringueiros do Alto Purus no Sábado de Aleluia, tal como relata Euclides da Cunha no conto “Judas

⁶ Em *História da Feiura*, Umberto Eco trata dos mártires, dos eremitas e dos penitentes. Considera que o sofrimento deles, no mundo cristão, é sempre representado como infinitamente menor que o do Cristo, justamente porque dessa forma o fiel, ao mesmo tempo em que se reconhece no sofrimento do Salvador, culpa-se por seu próprio sofrimento não se igualar ao Dele e atemoriza-se com o inevitável triunfo da morte e a perspectiva do Juízo Final. Observemos o que diz Eco (2014, 56) no fragmento transcrito a seguir a respeito das representações medievais do sofrimento de Cristo: “No mundo cristão, a santidade nada mais é que a imitação de Cristo. O sofrimento, atroz, será aquele de quem dá a vida para testemunhar sua fé. É a eles que se dirige Tertuliano (séc. II-III) em sua *Exortação aos mártires*, convidando-os a suportar os sofrimentos inomináveis (mas nomeados com mal disfarçado sadismo) que irão enfrentar. Na arte medieval, raramente o mártir é representado tão enfeado pelos tormentos como se ousou fazer com o Cristo. No caso de Cristo, sublinhava-se a serenidade inimitável do sacrifício cumprido, enquanto no caso dos mártires (para exortar a imitação) mostra-se a serenidade seráfica com que foram ao encontro do próprio destino.”



Ahsverus”, de *À Margem da História*. Se na Procissão do Domingo de Ramos, o povo bom se resigna a sofrer porque sua dor é ínfima diante do Deus Homem, nos seringais da Amazônia, o homem isolado constrói o Judas à sua imagem e semelhança para punir-se ao puni-lo.

6. Ouro Preto e seus Itinerários turísticos

As cidades históricas mineiras foram redescobertas pelos poetas modernistas em 1924, em apenas aparente contradição, pois eles eram “homens do futuro”, que também buscavam encontrar expressões originais de nacionalidade, como salienta o arguto crítico Brito Broca (apud EULALIO, 2001, p. 449). E o roteiro dessa excursão foi fixado no *Guia de Ouro Preto*, do também poeta modernista Manuel Bandeira, ainda hoje reeditado. Esse *Guia*, complementado pelos olhares de Cecília Meireles e em diálogo com textos de viajantes brasileiros e estrangeiros que estiveram na cidade, abre-se para diferentes possibilidades de itinerários turísticos em Ouro Preto.

Harald Hendrix (2014), pensando nas relações entre literatura e turismo, considera que leitores se interessam por ligar literatura com locais e objetos relacionados com seus autores favoritos, entre esses lugares de memória literária, destacam-se sepulturas, casas, mas também paisagens e cidades imaginativamente evocadas pela vida de escritores ou de suas personagens, o que desperta o desejo de visitá-las e contemplá-las através de perspectivas literárias. Assim, há lugares associados a memórias literárias, que se tornam objetos do olhar turístico.

Cecília Meireles pretendia destinar a revista *Travel in Brazil* a um turista de certa erudição, interessado em conhecer traços da cultura estrangeira, que a poeta distinguia do turista comum por meio do emprego do substantivo “viajante”, que parece evocar práticas mais arcaicas, como a do peregrino, mas de uma espécie mais laica de peregrino, cuja epifania é despertada sobretudo pela contemplação da arte e de lugares literários. Também nos textos de Manuel Bandeira, encontramos o perfil de um leitor que poderá ser um viajante, na acepção que lhe dá Cecília Meireles (1999a) em crônicas como “Roma, Turistas e Viajantes”: aquele que se detém em contemplar, demoradamente, paisagens, costumes, pessoas, monumentos históricos, obras de arte, locais de vivência ou de passagem de escritores, livros antigos, velhas receitas culinárias ou farmacêuticas... em oposição à pressa e à alegria do turista por tudo ver e tudo fotografar.



Referências

- BANDEIRA, Manuel. “Ouro Preto, a Antiga Villa Rica”. In: *Travel in Brazil*, vol. 1, nº 4. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa e Propaganda, 1941.
- BANDEIRA, Manuel. *Crônicas da Província do Brasil*. São Paulo: Cosac Naif, 2006.
- BANDEIRA, Manuel. *Guia de Ouro Preto*. São Paulo: Global, 2015.
- BENJAMIN, Walter. “O Narrador”. In: *Magia e Técnica. Arte e Política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BILAC, Olavo. *Crônicas e Novelas*. 2014. São Paulo: Poeteiro Editor Digital, 2014. www.poeteiro.com. Acessado em: 22 nov. 2016.
- BURTON, Richard Francis. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*. Trad. David Jardim Júnior. Brasília: Senado Federal, 2001.
- CRISTÓVÃO, Fernando (Coord.). *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens*. Coimbra: Almedina, 2002.
- CRISTÓVÃO, Fernando (Coord.). *Literatura de Viagens – Da Tradicional à Nova e à Novíssima*. Coimbra: Almedina, 2009.
- ECO, Umberto (Org.). *História da Feiura*. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- EULALIO, Alexandre. *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. São Paulo: Edusp-Fapesp-Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. São Paulo: Global, 2006.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. São Paulo: Global, 2015.
- HENDRIX, Harald. “Literature and Tourism: Explorations, Reflections, and Challenges” In: QUINTEIRO, Sílvia e BALEIRO, Rita (Orgs.). *LIT&TOUR*. Ensaios Sobre Literatura e Turismo. Famacão (Portugal): Edições Húmus, 2014.
- JARDIM, Ana Cristina Magalhães. *O Mito de Marília de Dirceu – 1792 a 1889: aspectos da construção e da apropriação de heróis românticos e o processo de formação da Nação Brasileira*. Dissertação de Mestrado em História: Mariana: Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto), 2014.
- MEIRELES, Cecília. “Semana Santa em Ouro Preto”. In: *Travel in Brazil*, vol. 2, nº 4. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa e Propaganda, 1942.
- MEIRELES, Cecília. *Inéditos*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1967.
- MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- MEIRELES, Cecília. *Crônicas de Viagem 2*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999a.
- MEIRELES, Cecília. *Crônicas de Viagem 3*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999b.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil*. Trad. Leonam de Azeredo Pena. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco*. Trad. Regina Regis Junqueira. 2.ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2004.

[RECEBIDO: 21/10/2017]

[ACEITO 08/05/2019]